

Understanding the process of acculturation in soccer athletes: A longitudinal study

O processo de aculturação em atletas de futebol: Um estudo longitudinal

FERNANDA FAGGIANI  , CAROLINA SARAIVA DE MACEDO LISBOA

Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, Brazil

ABSTRACT

The study aimed to understand how the process of acculturation in athletes of soccer academy occurred. It is a mixed design and longitudinal research in which acculturated athletes responded to a semi-structured interview and the Social Skills Inventory (IHS), Stress Symptoms Inventory (ISSI), Beck Anxiety Inventory (BAI) and Beck Depression Scale (BDI). Eight athletes participated in the qualitative research of the basic categories of a soccer club in the South of Brazil, residents at the Club for at least six months and aged between 16 and 20 years. In the quantitative stage 21 athletes participated, who fulfilled the instruments on admission, three and six months after their arrival at the Club. For the data analysis, content analysis and statistical descriptive and inferential statistics analysis were done. It was observed that 63% of the acculturated athletes presented social skills deficits after six months of the process of acculturation, being coping factors and self-exhibition the ones with the most significant deficit. The athletes describe points as the arrival at the Club without knowing anyone, the customs of the southern region, temperature, as well as the distance from home and the family as risk factors for adaptation and that interfere in their sports performance. The decrease of social skills and the athletes' speech strengthen studies that postulate the fact that the adaptation to a new culture can be a complex process and it can involve risk.

Keywords: Acculturation; Soccer; Social abilities.

Cite this article as:

Faggiani, F., & Lisboa, C.S.M. (2021). Understanding the process of acculturation in soccer athletes: A longitudinal study (in Portuguese). *Journal of Human Sport and Exercise*, 16(1proc), S147-S163. doi:<https://doi.org/10.14198/jhse.2021.16.Proc1.14>



Corresponding author. Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, Brazil. <https://orcid.org/0000-0003-2733-6594>

E-mail: fernanda.faggiani@pucrs.br

Supplementary Issue: Rio 2016 Olympic Games Fourth Anniversary Special Edition. Olympic Studies Forum, 21-24 October 2020. Olympic Studies Research Group, Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (GPEO PUCRS), Brazil.

JOURNAL OF HUMAN SPORT & EXERCISE ISSN 1988-5202

© Faculty of Education. University of Alicante

doi:10.14198/jhse.2021.16.Proc1.14

RESUMO

O estudo teve como objetivo compreender o processo de aculturação em atletas das categorias de base do futebol. Trata-se de uma pesquisa com delineamento misto e longitudinal. Os atletas responderam a uma entrevista semiestruturada e ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS), Estresse (ISSL), Ansiedade (BAI) e Depressão (BDI). Participaram da pesquisa qualitativa oito atletas das categorias de base de um clube de futebol do sul do Brasil, residentes no clube há pelo menos seis meses e com idades entre 16 e 20 anos. Na etapa quantitativa, participaram 21 atletas que preencheram os instrumentos na admissão três e seis meses após sua chegada no clube. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo e da análise estatística descritiva e inferencial. Observou-se que 63% dos atletas aculturados apresentaram déficits nas habilidades sociais após seis meses do processo de aculturação, sendo os fatores de enfrentamento e de autoexposição os fatores com déficits mais significativos. Os atletas descrevem pontos como a chegada ao clube sem conhecer ninguém, os costumes da região sul, a temperatura, assim como a distância de casa e da família como fatores de risco para a sua adaptação que interferem no rendimento esportivo. O decréscimo de habilidades sociais e as falas dos atletas reforçam estudos que postulam que a adaptação a uma nova cultura pode ser um processo complexo e de risco.

Palavras-Chave: Aculturação; Futebol; Habilidades sociais.

INTRODUÇÃO

A aculturação, processo de transição e ajuste de um indivíduo a uma nova cultura (Andreason, 2003), é a interpretação e a aceitação da cultura por parte do sujeito aculturado, além de sua adaptação ao novo contexto por meio de um conjunto de fenômenos provenientes do contato direto e contínuo de grupos de indivíduos representantes de culturas diferentes (Pereira, Pimentel, & Kato, 2005; Ferreira, 1997). Trata-se de um conjunto complexo, referindo-se, de forma geral, às mudanças que acontecem quando duas culturas entram em contato contínuo (Berry et al., 2003; Phinney, & Flores, 2002; Sam, & Berry, 1997). Reiterando com Sarriera (2000, p. 197), a aculturação é “o processo que acontece quando pessoas ou grupos, procedentes de diferentes contextos culturais, entram em contato regular com outra cultura no meio da qual têm que refazer suas vidas”. Em nível individual, as mudanças psicológicas experimentadas denominam-se aculturação psicológica (Berry, 2004), que consistem nas transformações dos valores, das crenças e dos costumes do indivíduo imigrante (Huayhua, 2004). Já no nível grupal, as modificações acontecem na estrutura social e na organização política. Nesse sentido, o fenômeno central da aculturação é o de mudança de comportamento, como a alteração nas habilidades sociais, uma vez que parece estar diretamente ligado ao vínculo estabelecido com as novas pessoas envolvidas nesse novo ambiente e com o estabelecimento de novas redes de apoio (Mendenhall, & Oddou, 2014). Por isso, espera-se que as habilidades sociais sofram alguma forma de impacto nesse processo de adaptação a uma nova cultura.

Nos casos em que a pessoa percebe a experiência migratória como geradora de estresse e não tem uma boa resposta de enfrentamento, podem aparecer sintomas de depressão e ansiedade. Isso acontece porque as mudanças no contexto cultural excederam a capacidade do indivíduo devido à magnitude, à velocidade ou a algum outro aspecto de mudança ou devido à aprendizagem ou a problemas psicológicos, como a depressão e a ansiedade. Existe, portanto, no processo de aculturação, a possibilidade de o indivíduo manifestar alguma doença física ou psicológica, porém a gravidade da enfermidade também está relacionada ao contexto da migração, isto é, se o processo foi experienciado sozinho ou em grupo (Sebben, 1996).

Outros fatores que contribuem para a aculturação são: idade, educação e distância cultural. A idade do indivíduo que emigra vai ter relação com o modo como se processa a aculturação. Provavelmente, os conflitos sejam enfatizados ou prejudiciais no período entre a adolescência e a jovem vida adulta, quando os indivíduos estão desenvolvendo sua identidade (Berry, 2002). O nível educacional, como a análise e resolução de problemas treinados na educação formal, mostra-se como um fator de proteção para uma adaptação positiva, pois diminui o estresse psicológico. Recursos, como o status ocupacional e a rede de apoio, favorecem uma boa adaptação. Por outro lado, grandes distâncias culturais implicam a necessidade de grandes desprendimentos culturais e de uma maior aprendizagem cultural, podendo trazer conflitos ininterruptos, levando a conflitos que geram menores níveis de adaptação (Berry, 2002; Evans, & Stead, 2012).

No contexto esportivo, a adaptação do jogador ao novo ambiente, considera aspectos como o ajuste saudável ao trabalho e ao contexto das relações sociais e culturais (Andreason, 2003; Brandão et al., 2013; Mor, Morris, & Joh, 2013; Richardson et al., 2012; Mendenhall, & Oddou, 2014) e fatores individuais como a autoconsciência e o desenvolvimento ou potencialização da sensibilidade (Mor et al., 2013). Ainda relevante para o sucesso de adaptação do sujeito são: a autoeficácia, a autoeficácia social e relacional, a estabilidade emocional, a empatia, a flexibilidade e a tolerância (Brandão et al., 2013). A experiência anterior de viagens a trabalho, a habilidade de comunicação, as habilidades sociais e a fluência na língua do local no qual o

indivíduo passa a residir mostram-se relevantes para uma adequada adaptação à nova cultura (Andreason, 2003; Evans, & Stead, 2012; Richardson et al., 2012; Mendenhall, & Oddou, 2014).

O suporte familiar ao atleta, assim como a adaptabilidade de toda a família à nova cultura, apresenta grande importância (Lee, & Kartika, 2014). Fatores como um novo emprego, novidades culturais, valores e crenças, comunicação, relacionamentos familiares e relacionamentos sociais são apontados como elementos importantes para a adaptação da família a uma nova cultura (Pereira et al., 2005). Os autores enfatizam a importância de uma rede de apoio local, o que pode contribuir para a aprendizagem de um idioma, para o treinamento sobre a cultura com o objetivo de reduzir o risco de repatriação antes mesmo de cumprir seu contrato, fracassando no seu processo de adaptação à nova cultura.

O êxito para o ajuste a uma nova cultura pode estar relacionado à flexibilidade cultural, isto é, à habilidade dos indivíduos de trocar atividades realizadas no país de origem por novas atividades típicas do país de acolhimento. Consequentemente, permite-se ao indivíduo desenvolver as habilidades de gerenciamento de estresse e também se adaptar com mais facilidade à nova cultura (Downes, Varner, & Hemmasi, 2010; Evans, & Stead, 2012). Salienta-se que as habilidades sociais para desenvolver novas e longas amizades com os novos anfitriões, também se tornam comportamentos protetivos capazes de fomentar a resiliência e a adaptação saudável (Mendenhall, & Oddou, 2014).

A inteligência emocional, compreendida como habilidade de perceber acuradamente, avaliar, expressar e entender emoções e de acessar e gerenciar sentimentos, influencia diretamente na habilidade de se relacionar com pessoas e comprometer-se com o novo contexto cultural. Embora não sejam sinônimos, a inteligência emocional e as habilidades sociais mostram-se conceitos sobrepostos e relacionados. Ambos permitem ao indivíduo uma adequada leitura do novo contexto e podem possibilitar que o aculturado gerencie suas emoções na presença efetiva do novo grupo de convívio social. Além disso, outro importante elemento para o ajuste em um novo ambiente é a inteligência cultural, compreendida como a capacidade de coletar informações, interpretar e operar efetivamente em ambientes culturais cruzados e em situações multiculturais (Lee, & Kartika, 2014). Especificamente, razões como a inabilidade de ajustamento da família (Brandão et al., 2013) e inabilidade de ajustamento do indivíduo ao novo ambiente físico e cultural podem provocar dificuldades na adaptação do indivíduo aculturado. Observa-se também que a falta ou insuficiência de competências técnicas; os altos níveis de ansiedade, estresse e depressão; e a falta ou insuficiência de motivação para trabalhar são considerados riscos para a adaptação (Pereira et al., 2005).

Os atletas em formação no futebol são adolescentes, com idades entre 10 e 20 anos e muitos são provenientes de origem pobre e de diferentes regiões e países. Aos atletas em um departamento de formação são atribuídas expectativas e altos graus de exigências, o que os fazem propensos aos riscos que o futebol implica, dentro e fora de campo, no que diz respeito à prática corporal e ao esforço físico continuado (Afif, 1997). A carreira desses atletas começa, e por vezes também termina, num centro de formação, onde podem permanecer até seus 20 anos de idade, sendo a próxima etapa a de profissionalização no futebol.

Com o intuito de projeção dentro da modalidade esportiva, clubes de referência nacionais e principalmente internacionais fazem parte das expectativas e metas dos atletas para a ascensão no esporte. No ano de 2010, por exemplo, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou que cerca de 1029 atletas profissionais do futebol passaram pelo processo de mudança de uma equipe Brasileira para jogar em uma equipe estrangeira (Brandão et al., 2013). No entanto, conforme a CBF, 683 (66%) atletas desse total, retornaram ao Brasil antes do final do primeiro ano. De acordo com uma pesquisa realizada por Rial (2008), atletas profissionais do futebol residentes em outro país relatam que estão no país de passagem, mas que

não se consideram e não são considerados imigrantes. Para estes atletas, a referência de cultura não é a nacional-local, mas sim o próprio clube que os protegem e os controlam, mediando suas relações com o mundo exterior (Rial, 2008).

Diante do exposto, constata-se a necessidade de examinar essa jornada de transição dos atletas e de iniciar um entendimento mais profundo e contextualizado sobre a experiência de aculturação de atletas do futebol em formação. Especificamente, o objetivo desse estudo foi compreender como ocorre o processo de aculturação de jovens atletas do futebol e quais as formas utilizadas para enfrentar as adversidades encontradas nesse processo. Um estudo de delineamento misto e longitudinal foi empregado a fim de responder a essas questões de investigação.

MÉTODO

Etapa quantitativa: Participaram dessa fase do estudo 21 atletas ingressantes nas categorias de base de um clube de primeira divisão do futebol no Rio Grande do Sul (RS) com idades entre 16 a 20 anos, não nascidos no RS. Como critério de inclusão, as famílias dos atletas também não podiam ser de origem nem têm residência no RS. Trata-se de uma população especial/limitada, pois estes atletas somente são admitidos no clube quando apresentam habilidades expressivas no futebol e projeção para progresso em uma equipe profissional futuramente.

Os instrumentos utilizados foram: *Questionário sociodemográfico*: contendo informações sobre idade, escolaridade, naturalidade e participação em categorias de bases de outros clubes; *Inventário de Habilidades Sociais (IHS)* (Bandeira, Costa, Del Prette, Del Prette, & Gerk-Carneiro, 2000) Instrumento que visa a avaliar o repertório interpessoal dos indivíduos; *Inventário de Ansiedade Beck (BAI)* (Cunha, 2001). Instrumento para avaliar sintomas de ansiedade em adultos; *Escala de Depressão de Beck (BDI)* (Gomes-Oliveira, Gorenstein, Neto, Andrade, & Wang, 2012). Instrumento para avaliar sintomas depressivos em indivíduos adultos; *Inventário de Sintomas de Stress* (Lipp, 2000). Instrumento que visa identificar a presença de sintomas de estresse, o nível de sintomas de estresse (somático ou psíquico) e a fase em que os adultos se encontram.

Os dados foram coletados com cada atleta ao longo de seis meses em três momentos diferentes (admissão do atleta, 3 meses e seis meses após chegada no clube). A ordem de aplicação dos instrumentos, por um pesquisador treinado para a aplicação, foi aleatória, visando evitar viés de aplicação. Para a análise de dados, foi utilizado o programa SPSS versão 17.0. Adotou-se em todas as análises como critério de significância de $p < .05$. Todos os procedimentos éticos foram respeitados para a realização da coleta seguindo a resolução 466/12.

Resultados quantitativos

A amostra apresentou uma distribuição normal de acordo com o teste de Shapiro-Wilk ($p > .05$) para todos os fatores de todos os instrumentos, sendo assim, os dados foram analisados por testes paramétricos. Correlações de Pearson foram realizadas entre as subescalas de cada instrumento (IHS, BAI, BDI e Escala de Estresse).

As diferenças entre os três tempos de coleta de dados, referentes ao período inicial de seis meses no clube dos atletas que estavam passando pelo processo de aculturação, estão descritas na Tabela 1. Não houve diferença significativa entre os três tempos de coleta em relação às habilidades sociais, ansiedade, depressão e estresse.

Tabela 1. Média, mediana, erro padrão e diferenças entre os tempos um, dois e três das Habilidades Sociais, Ansiedade e Depressão.

Medidas	T1	T2	T3	p	
Total	93.03 ± 2.58	92.86 ± 2.60	88.04 ± 3.44	.10	
Habilidades Sociais (IHS)	Enfrentamento	9.41 ± 0.51	9.09 ± 0.3	9.01 ± 0.56	.78
	Autoafirmação	8.93 ± 0.27	8.52 ± 0.29	8.27 ± 0.40	.16
	Conversaão	6.75 ± 0.28	6.87 ± 0.38	6.69 ± 0.46	.88
	Autoexposição	2.96 ± 0.19	2.45 ± 0.22	2.66 ± 0.27	.07
	Autocontrole	1.15 ± 0.10	1.38 ± 0.11	1.29 ± 0.15	.10
Ansiedade (BAI)	2.0 (1.0 ; 6.0)*	2.0 (0.5 ; 5.5)*	2.0 (0.0 ; 4.0)*	.19	
Depressão (BDI)	3.0 (1.5 ; 7.5)*	3.0 (0.0 ; 5.0)*	3.0 (0.5 ; 5.5)*	.21	

Nota. T1 = Tempo 1(admissão). T2 = Tempo 2(3 meses). T3 = Tempo 3(6 meses). Valores para HS são Média ± Erro Padrão. Valores para Ansiedade e Depressão são * = Intervalo interquartil = Mediana (P25;P75). p = Nível de significância do efeito do tempo através do Teste Generalized Estimated Equations (GEE) para o instrumento IHS. p = Nível de significância do efeito do tempo através do Teste de Fredman para os instrumentos BAI e BDI.

Os atletas apresentaram um bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média esperada para as subescalas. Na primeira aplicação (T1), a média do escore total de habilidades sociais (HS) foi de 93.03 (Tabela 1), sendo sete de 21 atletas com déficit nas habilidades sociais. Na segunda aplicação (T2), a média foi 92.86 e sete de 21 atletas apresentaram déficit nas habilidades sociais. E na terceira aplicação (T3), a média foi de 88.04, sendo 13 de 21 atletas apresentando déficit nas habilidades sociais. Quanto às subescalas, observou-se que na subescala Enfrentamento, mesmo as diferenças entre os três tempos não apresentando diferença significativa ($p = .50$), metade dos atletas apresentaram déficit, e esse padrão seguiu ao longo dos seis meses (Tabela 2). Para a subescala de Autoexposição, os dados também não apresentam diferença significativa ao longo dos três tempos ($p = .55$), porém metade da amostra apresenta déficit nessa área das habilidades sociais ao se chegar aos seis meses do processo de aculturação (T3) (Tabela 2).

Tabela 2. Número e frequência de atletas com déficit nas variáveis ligadas às Habilidades Sociais ao longo dos três tempos (Admissão, após três meses e após seis meses de chegada no clube).

Habilidades Sociais (IHS)	T1	T2	T3	p
Total	7 (33.3)	7 (33.3)	13 (61.9)	.36
Enfrentamento	10 (47.6)	10 (47.6)	9 (42.9)	.50
Autoafirmação	5 (23.8)	4 (19.0)	6 (28.6)	.64
Conversaão	4 (19.0)	5 (23.8)	6 (28.6)	.86
Autoexposição	6 (28.6)	8 (38.1)	9 (42.9)	.55
Autocontrole	3 (14.3)	2 (9.5)	5 (23.8)	.90

Nota. N = 21. T1 = Tempo 1(admissão). T2 = Tempo 2(3 meses). T3 = Tempo 3(6 meses). Valores são n (%). p = Nível de significância do efeito do tempo através do Teste de Friedman.

Observou-se que, quanto à intensidade dos sintomas de ansiedade e depressão, os atletas apresentaram, no geral, níveis mínimos e mantiveram o mesmo padrão ao longo do período de seis meses de adaptação ao novo contexto cultural. As três aplicações (T1, T2 e T3) da escala de ansiedade (BAI) resultaram em uma pontuação mediana de 2.0. Não houve variação estatística significativa ao longo dos seis meses de adaptação a nova cultura ($p = .19$) (Tabela 1). Em relação à escala de depressão, as três aplicações (T1, T2 e T3) resultaram em uma mediana de 3.0, sendo os intervalos interquartis de (1.5; 7.5) para o T1, (0.0; 5.0) para o T2 e (0.5; 5.5) para o T3. Não houve variação estatística significativa ao longo dos seis meses de adaptação a nova cultura no que se refere a depressão ($p = .21$) (Tabela 1).

Identificou-se que, de forma geral, os atletas não apresentaram níveis de estresse ao longo dos três tempos (admissão, após três meses e após seis meses) de chegada à nova cultura. Os atletas que apresentaram estresse nos três tempos encontravam-se na fase de resistência, sendo dois indivíduos na primeira aplicação (T1), um indivíduo segunda aplicação (T2) e dois indivíduos após seis meses (T3).

Comparando-se os escores dos atletas referentes a Habilidades Sociais, Ansiedade e Depressão, observaram-se correlações significativas ($p < .001$). Foram observadas correlações negativas entre Ansiedade no T2 e HS de autocontrole no T2 ($r = -.59$), e HS de autocontrole no T2 e Ansiedade no T3 ($r = -.64$; $p < .05$). Também se observaram correlações negativas entre HS de autocontrole no T2 e a depressão no T1 ($r = -.55$), no T2 ($r = -.54$) e no T3 ($r = -.59$). As correlações positivas foram observadas entre as variáveis de ansiedade e depressão: Ansiedade no T1 e Depressão no T1 ($r = .89$); Ansiedade no T1 e Depressão no T2 ($r = .77$), Ansiedade no T1 e Depressão no T3 ($r = .91$); Ansiedade no T2 e Depressão no T1 ($r = .85$); Ansiedade no T2 e Depressão no T2 ($r = .89$); Ansiedade no T2 e Depressão no T3 ($r = .94$); Ansiedade no T3 e Depressão no T1 ($r = .91$); Ansiedade no T3 e Depressão no T2 ($r = .78$); Ansiedade no T3 e Depressão no T3 ($r = .92$).

Etapa qualitativa: Foram selecionados para esta etapa do estudo oito atletas que na última etapa da coleta (T3) apresentaram índices baixos de Habilidades Sociais e altos de estresse, evidenciando situações de risco para os mesmos. Devido aos baixos escores dos níveis de depressão e ansiedade, este critério de seleção foi abandonado. Foi estabelecido também que o tempo mínimo que o atleta deveria estar residindo no clube para ser entrevistado seria de seis meses, uma vez que este tempo é considerado necessário para que o atleta perceba e vivencie as novas características e a cultura associadas ao local de residência e trabalho. Os dados sociodemográficos dos oito participantes dessa fase da pesquisa estão descritos na Tabela 3.

Tabela 3. Caracterização dos participantes entrevistados no estudo.

Identificação	Idade	Estado de Origem	Já jogou em categorias de base de outros clubes em locais diferentes do seu de origem
A.M.	18	Rio de Janeiro	Não
A.C.	19	Goiás	Sim
J.C.	19	Ceará	Não
G.Q.	17	São Paulo	Não
R.J.	16	Maranhão	Não
M.N.	17	Mato Grosso	Sim
M.C.	19	Rio de Janeiro	Não
J.L.	18	Paraná	Não

Realizou-se uma Entrevista Semiestruturada sobre os temas: a experiência no futebol anterior ao novo clube; convite para o novo clube e a decisão de mudar-se de cidade; experiência e estratégias para lidar com os desafios no novo clube; experiências significativas e críticas no contexto do novo clube. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para garantir a fidedignidade dos dados. Os dados, provenientes do material obtido pelas transcrições das entrevistas, foram analisados e discutidos através da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), segundo a releitura proposta por Moraes (1999).

Resultados qualitativos

O material decorrente da transcrição das entrevistas permitiu a identificação de unidades de significado, as quais foram codificadas e ordenadas em categorias iniciais. Estas, por sua vez, depois de agrupadas,

formaram as categorias intermediárias que, por último foram conjugadas em duas categorias finais: “Percepções e experiências no contexto de aculturação no esporte” e “Experiências e estratégias para lidar com os desafios da aculturação no esporte” (Tabela 4). A ilustração de cada categoria final conta com a reprodução fiel de algumas verbalizações dos entrevistados, a fim de propiciar rigor e legitimidade às categorias e de as articular com a discussão dos dados quantitativos.

Tabela 4. Categorização inicial e final dos dados obtidos nas entrevistas com os participantes do estudo.

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
Futebol como um sonho Futebol como um futuro melhor Futebol como uma vida melhor para a família Experiência de ter sido convidado para o novo clube A chegada no novo clube Mudança de estado A experiência em uma cultura diferente Rotina no novo clube As mudanças encontradas no novo clube Semelhanças no novo clube	Expectativas com o futebol Experiência no futebol ao chegar no novo clube Principais desafios decorrentes da mudança para um novo estado	Percepções e experiências no contexto de aculturação no esporte
Relacionamento com as pessoas no novo clube Contato com familiares e amigos do local de origem Mudanças no estilo de vida Rendimento na chegada ao novo clube Mudanças no ambiente de treinamento Mudanças no estilo de jogo e performance Situação marcante que passou com a mudança Adaptação no novo clube O que é importante que o atleta saiba ao se mudar	Aproximação afetiva e social Principais desafios com o novo contexto de treinamento Compreensão do processo de adaptação em uma cultura diferente da sua	Experiências e estratégias para lidar com os desafios da aculturação no esporte

DISCUSSÃO

Atletas jovens do futebol, jogando em categorias de base, experienciam inúmeras mudanças entre diferentes times durante o processo de formação (Richardson et al., 2012). Pesquisas anteriores sugerem que no futebol a transição para diferentes equipes é necessária, porém, neste processo, além de todas as exigências do próprio esporte, o indivíduo tem de se adaptar ao novo contexto, deixando para trás seu lugar de origem, familiares e rede de apoio (Ryska, 2001; Agergaard, 2008; Rial, 2008; Weedon, 2011; Evans, & Stead, 2012; Richardson et al., 2012; Brandão et al., 2013; Agergaard, & Ryba, 2014; Blodgett et al., 2014; Tibbert et al., 2015). As características e consequências da mobilidade do contexto de futebol são ainda pouco exploradas nas pesquisas e praticamente não são consideradas em estratégias preventivas voltadas às dificuldades desta população vulnerável.

De uma forma geral, observou-se que, ao longo das três coletas realizadas nos seis primeiros meses do processo de aculturação dos atletas de categorias de base (com intervalo de três meses entre cada coleta), não houve diferença significativa em relação a ansiedade, depressão, estresse e habilidades sociais.

Processo de aculturação: avaliação do repertório de habilidades sociais

A ausência de diferenças significativas entre os três tempos de coletas, em relação às habilidades sociais dos atletas, pode ter ocorrido devido ao tamanho limitado da amostra que se refere a uma população específica. A média da amostra analisada indica que esses atletas apresentaram um bom repertório de habilidades sociais, porém abaixo da mediana na admissão no clube e após três meses de aculturação. Já no período após seis meses do processo de aculturação, os atletas apresentaram déficit no repertório de HS. Pode-se, dessa forma, interpretar que os atletas, de forma geral, iniciaram o processo de aculturação socialmente competentes, o que permite uma manutenção da saúde física e mental. Porém, ao final do sexto mês, observou-se que as habilidades sociais decaíram e os atletas pareciam apresentar comprometimento nas relações pessoais e profissionais, estando em risco para a manutenção da saúde física e mental (Del Prette, & Del Prette, 2016).

Em relação ao número de atletas com déficit nas Habilidades sociais, foi possível perceber que houve um aumento ao longo dos seis meses, sendo que, ao final do sexto mês, 61.9% dos atletas apresentaram déficit no repertório de habilidades sociais. Nesse sentido, pode-se supor que esses atletas aculturados passaram a demonstrar maiores dificuldades nas relações interpessoais, o que pode gerar uma piora nas suas qualidades de vida, desajuste escolar além de poder afetar a performance dos mesmos no esporte (Del Prette, & Del Prette, 2016).

Ao longo dos três tempos, em média, 45% do grupo apresentou déficit na subescala de Enfrentamento. Entende-se que os atletas apresentam dificuldades no desempenho em situações que envolvem risco de consequências aversivas e podem eliciar altos níveis de ansiedade. Trata-se da dificuldade de exercer os seus próprios direitos e de expressar qualquer sentimento, não tendo controle da ansiedade e, muitas vezes, inabilmente ferindo os direitos dos outros (Del Prette, & Del Prette, 2016). Pode-se pensar que, frente aos desafios da adaptação cultural e às demandas do esporte profissional, os atletas possam se sentir menos capazes e empoderados para lidar com os estressores, esquivando-se mais do que enfrentando, o que pode também diminuir sua capacidade de assertividade e de controle de ansiedade.

Convém enfatizar que, durante o processo de aculturação, os jovens deparam-se com inúmeras pessoas com as quais passarão a conviver: comissão técnica, outros atletas e funcionários. Trata-se de um ambiente esportivo onde a competição ganha destaque, mas também é preciso saber interagir. A complexidade de expressar as dificuldades por parte dos atletas pode estar relacionada ao medo de sofrer rejeição do grupo e dos profissionais e de comprometer sua ocupação e estadia na equipe e no clube, o que explica a queda nos níveis de Enfrentamento ao longo do tempo. Isso pode ser ilustrado a partir da fala de alguns atletas: *“Ah, porque era o grupo já. Panelinha como os outros falam, querendo te queimar. Quando chega pessoa nova sempre tem isso”* (M.C., 19 anos); *“Eu senti vontade de voltar para casa, de procurar outro clube, só que a gente não pode se prender a isso só porque está passando por um momento difícil. Porque se uma pessoa quer te empurrar para baixo, você tem que lembrar de tudo que passou para chegar ali. Você ficou com aquele sentimento de amargura, sei lá, só que com o tempo tu vai se acostumando, você percebe que aquilo é do futebol”* (J.C., 18 anos).

As percepções e experiências no contexto de aculturação no esporte sugerem que os atletas lidam com desafios desconhecidos com os quais sentem-se inseguros e ambivalentes em relação aos seus

sentimentos e à forma como devem agir diante da situação que se apresenta. O sentimento de exclusão ou rejeição também pode colocá-los em dúvida acerca de suas próprias habilidades sociais, favorecendo a esquiwa. Percebe-se, a partir das falas dos entrevistados, que eles tendem a não se expor antes de conhecerem o novo contexto, procurando inibir seus sentimentos e angústias para não sofrerem reprovação dos indivíduos com os quais passarão a conviver ou para não serem desligados do clube e da carreira em si. No estudo de Blodgett et al. (2014), os atletas também descreveram esta necessidade de mascarar seu “*verdadeiro eu*” e de mudar seu comportamento para atender às expectativas dos do grupo. Tibbert et al. (2015) também apresentam em seu estudo que os atletas reportam a necessidade de silenciar suas emoções (por exemplo, a ansiedade), pois entendem que isso pode demonstrar fraqueza, segundo os técnicos. Além disso, estes autores identificaram que os atletas tendem a aceitar e guardar abusos sofridos pelos profissionais com quem trabalham, aceitando a dor física e rejeitando as emoções a fim de se adaptarem ou se inserirem no clube de futebol. Tais concepções distorcidas, além de provocarem ansiedade e de afetarem o bem-estar subjetivo, podem explicar a diminuição ao longo do período de adaptação da habilidade de enfrentamento/confronto.

Outro fator que apresentou crescimento no número de participantes com déficit nas habilidades sociais ao longo do período de seis meses de aculturação foi a Autoexposição. Os atletas parecem ter dificuldades com a exposição a desconhecidos ou a situações novas, principalmente as relacionadas a uma pessoa nova. Além disso, podem temer as reações indesejadas dos demais colegas de equipe já pertencentes ao novo ambiente. Ou seja, os atletas possivelmente aumentaram suas dificuldades de pedir favores ou fazer perguntas a pessoas desconhecidas, o que seria fundamental para auxiliar no processo de aculturação, a fim de entender melhor a cultura, os hábitos, a linguagem e os costumes locais. Essas dificuldades podem gerar maiores níveis de ansiedade, dificuldades de adaptação e de isolamento, o que pode ser observado nos relatos abaixo: “*...quando eu cheguei, eu não podia já chegar já...eu não conhecia ninguém, né? Eu ficava no meu canto e quem vinha conversar comigo eu falava*” (M.N., 17 anos); “*Foi bem. Eu sempre procurei manter um bom convívio para que as coisas saíssem bem. Primeiro me agrada com o que faço e depois agrada eles pra nunca ter um mal ocorrido, uma diferença muito grande*” (A.M., 18 anos).

Este isolamento tende a dificultar o estabelecimento de vínculos, como relações de amizade que são fundamentais para o senso de pertencimento de indivíduos e, ainda, para suprir necessidades sociais humanas. Ainda mais em se tratando de atletas aculturados, pode-se pensar que a necessidade de aceitação social auxilia no seu bem-estar e adaptação (Evans, & Stead, 2012). Somadas às dificuldades de se expor, as percepções dos atletas frente à possível reprovação dos nativos do novo contexto podem fazer com que eles se isolem e não consigam criar laços sociais. Nesta linha de raciocínio, Loureiro, Frederico-Ferreira e Santos (2013) identificaram a capacidade de gerir emoções e o medo da avaliação negativa dos outros como déficits comuns em estudantes adolescentes, sendo estes fatores determinantes no desenvolvimento das competências sociais. Salieta-se que as relações são vitais para o processo de adaptação a um novo contexto e para lidar com a ausência dos familiares e com as normas e rotinas do novo contexto esportivo (Evans, & Stead, 2012). Em suas falas, os atletas comentam que: “*...conseguir a amizade das pessoas que chegaram há pouco tempo no clube. Que, querendo ou não, vai fechando o grupinho. Porque, quando eu cheguei aqui, teve uns nove que chegaram junto no início do ano. Aí começou de eu me aproximar deles e a gente ir se aproximando do resto do grupo*” (G.Q., 17 anos); “*No começo eu ficava quieto e depois fui me soltando, falando com todo mundo*” (R.J., 16 anos); “*Eu acho que ele (atleta novo) tinha que procurar alguém que morasse nessa outra cidade e fazer amizade com essa pessoa e ir conhecendo melhor. Conhecendo a cultura, as coisas que eles gostam lá na outra cidade, por exemplo, e se tornar amigo dessa pessoa e ir conhecendo. Acho que é isso. Eu acho que quando eu mudei para cá eu tive sorte, porque meu empresário é daqui, né? Aí ficou tudo mais fácil. Mas para alguém vir assim sozinho,*

acho que é isso, conhecer alguém daqui e fazer amizade para ir conhecendo as coisas, a cultura e tudo mais” (J.L., 18 anos).

Chegar em uma equipe já formada gera ansiedade para o atleta novo e, provavelmente, para a equipe, que se sente ameaçada pelo novo elemento que pode conquistar a posição de outro atleta já com vínculo no time. A equipe, por vezes, se sente ameaçada pelo novo atleta, tornam-se mais competitivos e agressivos e podem acabar o isolando do grupo. O relato de um atleta indica essa situação: *“Ah, você acha que vai chegar e todo mundo vai ser a teu favor, para te ajudar dentro de campo, essas coisas, só que não é o que acontece. Muitos jogadores que na verdade eram para te ajudar dentro de campo, eles te deixam pra baixo, isso é do futebol, não é só aqui no clube que tem” (J.C., 18 anos).*

Estabelecer vínculos reais parece ser um dos grandes desafios dos atletas aculturados. Segundo Richardson et al. (2012), os atletas de futebol entrevistados no estudo relataram que, no futebol, não é possível fazer amizades, pois mudam frequentemente de equipe e existe muita competição. Para eles, a família e os amigos na terra de origem são a principal rede de apoio e fazem falta no convívio. No caso do presente estudo, os atletas relatam a necessidade das amizades, que no início não é fácil, mas salientaram que depois encontram nos companheiros uma nova família, o que foi um dado extremamente positivo, sugerindo que, contando com o apoio ou percebendo este apoio, os atletas tendem a ser mais resilientes (Sanches, & Rúbio, 2010; Pereira et al., 2005): *“...tive mudança porque onde eu jogava antes, acabava o treino e eu ia para casa, convivía com a minha família. E aqui eu tive que construir uma nova família e graças a Deus eu consegui. Os meninos que eu estou no quarto são super gente boa, considero como irmãos. O que eu tenho para conversar, eu converso com eles, desabafo com eles. Certo que não é a mesma coisa que desabafar com um pai e uma mãe, mas, ajuda muito” (J.C., 19 anos).*

A partir da fala do entrevistado, pode-se compreender que a busca por alguém para compartilhar os sentimentos inerentes ao processo de aculturação torna-se uma estratégia para enfrentar a angústia e a insegurança frente ao medo do desconhecido. Os entrevistados relataram a necessidade de se dirigir à família para conselhos e suporte, utilizando as tecnologias de comunicação devido à distância. Tal situação corrobora com o estudo de Richardson et al. (2012), em que os atletas aculturados relataram não ser possível estabelecer amizades no futebol, sendo necessário manter o contato estreito com a família e os amigos da cidade de origem para conseguirem passar pelos desafios impostos no processo de aculturação.

A competência social parece ser culturalmente determinada, embora valores e direitos, como o direito à vida, à dignidade e à igualdade, sejam transculturais (Del Prette, & Del Prette, 2016). Além disso, as competências sociais são aprendidas nas relações interpessoais com outras pessoas. Pensando na questão cultural, o estudo de Richardson et al. (2012) foi desenvolvido com atletas aculturados na cultura inglesa, em que a proximidade e o afeto não são tidos como características de destaque da cultura. Por outro lado, no Brasil, as características ligadas ao apego, à sensibilidade e ao afeto parecem ser muito presentes na cultura, o que enfatiza a necessidade de aceitação e acolhimento pelo outro.

Evidências de como a resiliência e a rede de apoio devem ser encorajadas no processo de aculturação, podem ser pensadas a partir das correlações encontradas entre as variáveis do estudo. Para as habilidades sociais de autocontrole, após três meses do processo de aculturação, existe uma significativa associação negativa com a ansiedade e a depressão no mesmo período (3 meses) e após seis meses do processo de aculturação (Angélico, Crippa, & Loureiro, 2006; Del Prette, & Del Prette, 2016). As habilidades sociais podem proteger com relação à ansiedade e depressão e, vice-versa, sintomas de ansiosos e depressivos podem afetar/diminuir as habilidades sociais dos atletas. Atletas aculturados precisam ter autocontrole para

lidar com a pressão por bom desempenho e resultados positivos em campo, além de necessitarem se controlar para além do jogo, pois precisam se adaptar a inúmeras variáveis (clima, alimento, costumes) de forma adequada ao novo contexto. Estando o atleta mais ansioso ou deprimido, este pode ficar mais agressivo e impulsivo, não conseguindo manter um autocontrole de seu comportamento e de suas emoções, o que pode interferir diretamente na sua adaptação e na performance no futebol. As correlações entre autocontrole, ansiedade e depressão sugerem a necessidade de treinamento das habilidades sociais e medidas protetivas nos ambientes de acolhimento dos atletas para amenizar os efeitos da mobilidade esportiva. E, ainda, por outro lado, a identificação de sintomas de ansiedade e depressão em atletas podem ser cruciais para compreensão de seu rendimento e processo de aculturação.

Processo de aculturação: avaliação do desempenho da ansiedade, depressão e estresse

No presente estudo, as variáveis ansiedade, depressão e estresse apresentaram níveis mínimos entre os participantes aculturados. Sebben (1996), ao contrário, observou que pessoas em experiência migratória que apresentam déficit no enfrentamento, ou seja, dificuldade de solicitar auxílio, de pedir ajuda, tiveram níveis altos de ansiedade e depressão. Pode-se pensar que, por passarem pelo processo de aculturação, os atletas podem estar em sofrimento, e podem manifestar mais ansiedade e depressão no futuro, mas, no momento da investigação, ainda estes sintomas poderiam estar latentes. No relato dos atletas aculturados, as percepções e experiências no contexto de aculturação sugerem que os mesmos podem apresentar, ainda que de forma latente, alguns sintomas de ansiedade e depressão: *“Quando cheguei aqui (alojamento), olhei ‘meu Deus onde eu estou?’, só mato. Aí entrei e foi normal, fiquei no quarto 29 lá no final. Olhei para um lado, olhei para o outro, ninguém, só um monte de cama. Daí liguei para minha mãe chorando que queria voltar, não queria ficar aqui” (M.C., 18 anos).*

Nesse trecho é possível identificar que as primeiras percepções e experiências ao se deparar com o novo contexto foram de grande impacto, pois o atleta não tinha conhecimento de como era um ambiente de alojamento de categorias de base. Diante da situação, o atleta relatou sintomas de ansiedade e depressão implícitos (estar assustado, se sentir só e ter medo) e explícitos (tristeza e choro). No entanto, os atletas se cercam de suas redes de apoio, as quais são vistas como estratégias para lidar com o processo árduo de aculturação, além de direcionar sua energia para a conquista do sonho de se tornar jogador de futebol, principal motivo para lidar com os riscos da aculturação e com todas as suas consequências dentro do contexto esportivo: *“Não sabia como era, nunca tinha ficado em alojamento. Aí minha mãe falou: fica aí, fica aí, é seu sonho. Aí fui ficando” (M.C., 18 anos).*

Os índices mínimos referentes a ansiedade, estresse e depressão mostram-se um achado positivo diante do fato de estarem passando por um processo de aculturação. Por outro lado, pode-se pensar que talvez esses atletas experimentem um outro tipo de ansiedade e estresse mais relacionada à performance esportiva, o que indica que os instrumentos utilizados possam não ser sensíveis aos sintomas esperados em um processo de aculturação dentro de um contexto de competição e de um elevado nível de pressão por resultados. Além disso, trata-se de participantes jovens que podem apresentar dificuldades de identificar no tempo os sintomas relacionados às variáveis pesquisadas, sendo essa identificação um complicador por se tratar de algo muito subjetivo. Os atletas parecem chegar motivados e com metas a serem atingidas nesse novo contexto esportivo e, assim, pode-se pensar que o estresse, por exemplo, possa aparecer após um período maior de permanência e experiência no novo clube. Ou, ainda, por ter sido o estresse avaliado por um instrumento de autorrelato, os atletas podem nem perceber os sintomas, sendo o instrumento pouco sensível para essa população investigada. Também foram observadas correlações significativas e positivas entre as variáveis ansiedade e depressão, corroborando estudos anteriores (Muris et al., 2001; Muris, Meesters, & Spinder, (2003); DeSouza, Salum, Isolan, Koller, & Manfro, 2013).

Os atletas entrevistados enfatizam muito em suas falas as suas expectativas com o futebol, o sonho de se tornarem um jogador profissional e a necessidade das amizades dentro desse contexto de trabalho. Essas situações destacadas tornam-se positivas à medida que os atletas estabelecem objetivos para suas vidas, o que pode não permitir que apresentem ansiedade, estresse e depressão. Ou seja, as metas traçadas para sua carreira lhes permitem aprender a lidar com a ansiedade. Além disso, pode-se pensar que os atletas tentavam lidar com os seus estressores de modo a manter sua homeostase interna, não manifestando, assim, sintomas de estresse.

Diante da expectativa e pressão existentes no contexto futebolístico, os jogadores, mesmo sofrendo com o processo de aculturação, necessitam, principalmente, “fazer valer” o investimento do clube no atleta, através de sua performance em campo (Richardson et al., 2012; Tibbert et al., 2015). No processo de aculturação dos participantes do estudo, foi observado que os mesmos destacam uma redução no rendimento ao passarem a treinar no novo contexto. Isso pode estar relacionado a ansiedade inicial provocado por precisar se adaptar a um grupo já formado, sob a avaliações de novos profissionais com os quais ainda não se formou vínculo. Além disso, os atletas destacam a mudança na forma de treinamento exposta no clube, o que requer tempo para o aprendizado e consequente reprodução através do desempenho prático (Andreasson, 2003; Richardson et al., 2012; Mendenhall, & Oddou, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados do estudo sugerem que alguns atletas apresentaram déficit nas habilidades sociais e que, com o passar dos meses, os déficits nas habilidades sociais foram aumentando. Os fatores Enfrentamento e Autoexposição foram os que mais apresentaram comprometimento, estando quase metade dos atletas com déficits ao final do sexto mês do processo de aculturação.

Apesar dos atletas apresentarem níveis mínimos de sintoma de estresse, ansiedade e depressão foram encontrados correlações significativas entre ansiedade, depressão e habilidades sociais foram encontradas, evidenciando que, durante o processo de aculturação, os atletas encontram-se vulneráveis e propensos a apresentar diminuição das habilidades sociais e aumento dos níveis de ansiedade e depressão. Os resultados quantitativos são reforçados pelos resultados qualitativos extraídos das entrevistas, os quais apontam a importância das amizades e das redes de apoio para lidar com as dificuldades inerentes ao processo de aculturação. A busca pela aceitação no novo contexto por parte dos colegas e profissionais do clube parece ser um fator fundamental e protetivo nesse processo de aculturação. Nesse sentido, destaca-se particularmente importante documentar os desafios e as estratégias utilizadas e necessárias para encarar o árduo processo de se adaptar a um novo contexto e, assim, evitar o sofrimento e a queda de rendimento dos novos atletas.

É consideravelmente importante investigar-se, em um mundo globalizado e de grande mobilidade, atletas do meio do futebol. Nesse sentido, torna-se fundamental reconhecer como ocorre o fenômeno da aculturação em atletas jovens, buscando subsídios para evitar as dificuldades de adaptação em novos contextos e podendo auxiliar os clubes de futebol em investimentos mais seguros em novos atletas. O alto investimento aplicado em atletas em um contexto fortemente competitivo, além da alta pressão imposta aos atletas por resultados, requer um olhar clínico e medidas protetivas eficazes para auxiliar os atletas diante da necessidade de mobilidade no esporte e de aculturação em novos contextos. Sendo assim, no contexto da aculturação, sugere-se que um suporte integrado, com o foco de trabalho na identidade do jogador, visto que são jovens em pleno processo de construção de identidade em um meio altamente competitivo que busca resultados imediatos. Portanto, o suporte aos atletas requer mais aconselhamento das habilidades

básicas com ênfase em desenvolver autoconhecimento, autoconfiança, fortalecer vínculos e redes de apoio, além da formação da identidade.

A vulnerabilidades de atletas de categorias de base em um processo de aculturação, pode impactar negativamente em sua adaptação ao novo contexto, comprometendo sua saúde mental e seu próprio desempenho esportivo. Existem pontos em potencial para uma intervenção preventiva dos atletas, contudo o mais importante deveria ser a preparação do atleta no clube atual para uma possível mudança para um novo clube, além de programas de acolhimento dos aculturados no novo ambiente esportivo. Assim os atletas poderiam ser mais resilientes e aptos a criarem vínculos saudáveis, e também mais instrumentalizados com estratégias e conhecimentos para melhor se ajustarem nessa árdua e necessária mobilidade esportiva.

Como limitações do estudo, aponta-se o tamanho da amostra, que mesmo sendo específica e limitada, não permite uma generalização dos resultados. Além disso, a partir dos resultados obtidos, questiona-se a escolha dos instrumentos utilizados para a avaliação da ansiedade, depressão e estresse, que não parecem ser muito sensíveis para detectar os sintomas nesse público jovem e esportista. Compreende-se que a utilização de uma escala de ansiedade pré-competitiva, por exemplo, poderia ser mais adequada, o que proporcionaria uma avaliação mais precisa do impacto do processo de aculturação para ansiedade. Além disso, todos os instrumentos foram de autorrelato. No entanto, torna-se importante enfatizar a riqueza de integrar dados quantitativos e qualitativos para compreender um fenômeno atual e de grande impacto na vida dos atletas. A complementação dos dados foi fundamental para fortalecer os achados e refletir sobre a importância de um olhar clínico e não apenas esportivo dentro de um contexto de alta exigência que acolhe jovens atletas em busca de um sonho. Estudos futuros poderiam examinar se jovens atletas de futebol em mobilidade esportiva em outras regiões do país apresentam o mesmo padrão observado no processo de aculturação no sul do Brasil. Estas evidências poderiam reforçar a necessidade de programas para desenvolver as habilidades sociais, assim como habilidades de controle emocional.

REFERÊNCIAS

- Afif, J. C. B. A. (1997). Futebol 100% profissional. São Paulo: Editora Gente.
- Agergaard, S. (2008). Elite athletes as migrants in Danish women's handball. *International review for the sociology of sport*, 43(1), pp. 5-19. <https://doi.org/10.1177/1012690208093471>
- Agergaard, S., & Ryba, T. V. (2014). Migration and Career Transition in professional sport: transitional athletic careers in a psychological and sociological perspective. *Sociology of sport journal*, 31(2), pp. 228-247. <https://doi.org/10.1123/ssj.2013-0031>
- Andreason, A. W. (2003). Expatriate adjustment to foreign assignments. *International Journal of Commerce & Management*, 13(1), pp. 42-60. <https://doi.org/10.1108/eb047459>
- Angélico, A. P., Crippa, J. A. S., & Loureiro, S. R. (2006). Utilização do Inventário de Habilidades Sociais no Diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), pp. 467-476. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300006>
- Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., & Gerk-Carneiro, E. (2000). Qualidades Psicométricas do Inventário de habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5(2), pp. 401-419. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200006>
- Berry, J. (2002). Migração, Aculturação e Adaptação. In: S. DeBaggi & G. Paiva (Org), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp.29-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Berry, J., Poortinga, Y., Seggal., & Dansen, P. (2003). *Cross-Cultural psychology: Research and application*. New York: Cambridge University Press.
- Blodgett, A. T., Schinke, R. J., McGannon, K. R., Caholic, D. A., Enosse, L., Peltier, D., & Pheasant, C. (2014). Navigating the insider-outsider hyphen: A qualitative exploration of the acculturation challenges on aboriginal athletes pursuing sport in Euro-Canadian context. *Psychology of Sport and Exercise*, 15(4), pp. 345-355. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2014.02.009>
- Brandão, M. R. F., Magnani, A., Tega, E., & Medina, J. P. (2013). Além da cultura nacional: o expatriado no futebol. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 21(2), pp. 177-182.
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Escritora.
- Damo, A. S. (2007). *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Anpocs.
- Damo, A. S. (2014). Training soccer players in Brazil. *Soccer and Society*, 15, pp. 93-107. <https://doi.org/10.1080/14660970.2013.854570>
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2016). *Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette): manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DeSouza, D. A., Salum, G. A., Isolan, R. L., & Manfro, G. G. (2013). Sensitivity and Specificity of the Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders (SCARED): A Community-Based Study. *Child Psychiatry Human Development*, 44(3), pp. 391-399. <https://doi.org/10.1007/s10578-012-0333-y>
- Dovidio, J. & Esses, V. (2001). Immigrants and immigration: advancing the psychological perspective. *Journal of Social Issues*, 57(3), pp. 375-387. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00219>
- Downes, M., Varner, I. I., & Masoud, H. (2010). Individual profile as predictors of expatriate effectiveness. *International Business Journal*, 20(3), pp. 235-247. <https://doi.org/10.1108/10595421011047424>
- Evans, A. B., & Stead, D. E. (2014). 'It's long way to the super league': The experiences of Australisian professional rugby league migrants in the United Kingdon. *International review for the sociology of sport*, 49(6), pp. 707-727. <https://doi.org/10.1177/1012690212464700>
- Faggiani, F., Lindern, D., Strey, A., Aiquel, P., F., Fulginiti, D. & Lisboa, C., S., M. (2016). O Fenômeno do Expatriado no Contexto Esportivo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), pp. 738-747. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001832016>
- Ferreira, A. B. H. (1997). *Minidicionário Aurélio de língua portuguesa*. Rio de janeiro: Nova Fronteira.
- Gomes-Oliveira, M. H., Gorenstein, C., Neto, F. L., Andrade, L. H., & Wang, Y. P. (2012). Validation of the Brazilian Portuguese version of the Beck Depression Inventory-II in a community sample. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 34(4), pp. 389-394. <https://doi.org/10.1016/j.rbp.2012.03.005>
- Huayhua, G. (2004). Adolescentes peruanos em São Paulo: a construção da identidade e as estratégias de adaptação no processo de aculturação. In S. DeBaggi & G. Paiva (Org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp.249-273). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lee, L., & Kartika, N. (2014). The influence of individual, family, and social capital factors on expatriate adjustment and performance: The moderating effect of psychology contract and organizational support. *Expert systems with applications*, 41(11), pp. 5483-5494. <https://doi.org/10.1016/j.eswa.2014.02.030>
- Loureiro, C., Frederico-Ferreira, M. M., & Santos, M. R. (2013). Identificação dos fatores determinantes no desenvolvimento das competências sociais dos adolescentes. *Revista de Enfermagem Referência* (10), 79-88.
- Lipp, M. N. (2000). *Manual do Inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendenhall, M., & Oddou, G. (2014). The dimensions of expatriate acculturation: a review. *Academy of Management Review*, 10(1), pp. 39-47. <https://doi.org/10.2307/258210>

- Mor, S., Morris, M., & Joh, J. (2013). Identifying and training adaptive cross-cultural management skills: the crucial role of cultural metacognition. *Academy of Management Learning & Education*, 12(3), pp. 453-475. <https://doi.org/10.5465/aml.2012.0202>
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Educação*, 22, 7-32.
- Muris, P., Merckelbach, H., Schmidt, H., Gadet, B., & Bogie, N. (2001). Anxiety and depression as correlates of self-reported behavioural inhibition in normal adolescents. *Behaviour Research and Therapy*, 39(9), pp. 1051-1061. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(00\)00081-4](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(00)00081-4)
- Muris, P., Meesters, C., & Spinder, M. (2003). Relationship between child- and parent- reported behavioural inhibition and symptoms of anxiety and depression in normal adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34(5), pp. 759-771. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00069-7](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00069-7)
- Padilla, A., & Perez, W. (2003). Acculturation, Social Identity, and Social Cognition: A new perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25(1), pp. 35-55. <https://doi.org/10.1177/0739986303251694>
- Pereira, N. A. F., Pimentel, R., & Kato, H. T. (2005). Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. *Revista de administração Contemporânea*, 9(4), pp. 53-71. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552005000400004>
- Phinney, J., & Flores, J. (2002). "Unpackaging" acculturation: Aspects of Acculturation as Predictors of Traditional Sex Roles Attitudes. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33(3), pp. 320-331. <https://doi.org/10.1177/0022022102033003007>
- Rial, C. (2008). Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), pp. 21-75. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>
- Richardson, D., Litterwood, M., Nesti, M., & Benstead, L. (2012). An examination of the migratory transition of elite young European soccer players to the English Premier League. *Journal of Sport Sciences*, 30(15), pp. <https://doi.org/10.1080/02640414.2012.733017>
- Ryska, T. A. (2001). The impact of acculturation on sport motivation among Mexican-American adolescent athletes. *The Psychological Record*, 51(4), pp. 533-547.
- Sanches, S. M., & Rubio, K. (2010). Reflexões sobre o conceito de resiliência: superando adversidades no contexto esportivo. *POLÊMICA*, 9(2), pp. 92-98. Available at: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/viewFile/2752/1874>
- Sarriera, J. C. (2000). Educação para a integração entre culturas e povos: Da aculturação para o multiculturalismo. In: J. C Sarriera (Org.) *Psicologia Comunitária: Estudos Atuais* (pp. 179-202). Porto Alegre: Sulina.
- Sarriera, J., Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estudos de Psicologia*, 10(1), pp. 5-13. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100002>
- Schinke, R. J., McGannon, K. R., Battocchio, R. C., & Wells, G. D. (2013). Acculturation in elite sport: A thematic analysis of immigrant athletes and coaches. *Journal of Sports Sciences*, 31(15), pp. 1676-1686. <https://doi.org/10.1080/02640414.2013.794949>
- Schwartz, S. J., Unger, J. B., Zamboanga, B. L., & Szapocznik, J. (2010). Rethinking the concept of acculturation: implications for theory and research. *American Psychologist*, 65(4), pp. 237-251. <https://doi.org/10.1037/a0019330>
- Sebben, A. (1996). Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória? *Psico*, 27(1), pp. 129-141.
- Tibbert, S. J., Andersen, M. B., & Morris, T. (2015). What a difference a "Mentally Toughening" year makes: The acculturation of a rookie. *Psychology of Sport and Exercise*, 17, pp. 68-78. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2014.10.007>

Weedon, G. (2011). 'Glocal boys': Exploring experiences of acculturation amongst migrant youth footballers in premier league academies. *International Review for the Sociology of Sport*, 47(2), 200-216. <https://doi.org/10.1177/1012690211399221>

